

Lima Barreto : jogando contra o Futebol

Nelson Rodrigues Filho*

Naquele tempo não se jogava futebol. Jogava-se **football**. Nem havia campo ou estádio, os **players** davam seus pontapés no **green field**. Quem buscava evitar os **goals**, não era o goleiro, mas o **goalkeeper**. Ao **forward** cabia fazê-los, se se livrasse da marcação, não do zagueiro, mas do **back**. Marcar e preparar jogadas era coisa do **half**, e ao **halfback**, na direita e na esquerda, cabia a marcação aos extremas. **Forward** não ficava impedido, mas em **offside**. Quem devia evitar, e punir, tal irregularidade, era o **referee**, ajudado pelos **linesmen**. O jogo não começava por um pontapé inicial, mas por um **kick-off**.

Essa linguagem, registrada em jornal da época e entendida pela platéia-mulheres de chapéu e homens bem vestidos — configura, no primeiro momento da novidade esportiva que viria a constituir um esporte de massa no Brasil, o universo sócio-político-econômico que mais radicalmente caracterizou o país da 1a. República. Uma nítida divisão entre uma elite, alfabetizada, sempre disponível às novidades que atravessavam o Atlântico, e uma população marginalizada, analfabeta e pobre, sem acesso às corquistas do século.

O léxico (e o código) do futebol, se, por um lado, estabelece uma fronteira entre os dois segmentos, por

**Doutor em Letras -
UFRJ
Do Instituto de Letras
da UERJ
Co-Autor de "Letra
& Imagem"-
Co-edição UERJ/
SEED - RJ - 1994.*

*Uma nítida divisão
entre uma elite,
alfabetizada,
sempre disponível
às novidades
que atravessavam
o Atlântico,
e uma população
marginalizada,
analfabeta e pobre,
sem acesso às
conquistas do
século.*

outro presta homenagem aos criadores do jogo, ou pelo menos, se não os primeiros jogadores de futebol, os que o organizaram e divulgaram pelo mundo.

Um fino rapaz, Charles Miller, voltando ao Brasil, em 1894, depois de estudar e jogar futebol, como **centerforward**, na Inglaterra, traz para São Paulo bola e uniforme, jogando até 1910 e consagrando-se pela criação de uma jogada que leva seu nome.

Inicialmente, é o esporte um privilégio da elite, a que vão aderindo alguns clubes, para exercício exclusivo de seus associados. No Rio de Janeiro, Oscar Cox, estudante em Lausanne, traz da Suíça o material esportivo adequado, promove partidas, e torna-se líder de um movimento que vai resultar na fundação, em 1902, do Fluminense Football Club, o clube de futebol mais antigo da cidade.

Inicialmente, é o esporte um privilégio da elite, a que vão aderindo alguns clubes, para exercício exclusivo de seus associados.

Não é mera coincidência que a maioria dos artigos de Lima Barreto contra o futebol se situe entre os anos 20 e 22. Num rápido exame de sua obra, encontramos "Uma conferência esportiva", publicado em **Careta**, 01.01.1921, e reproduzido em **Coisas do Reino de Jambon**; "Bendito football", 01.10.1921, "Educação Física", 09.04.1921, "Memórias da guerra", 17.04.1920, "O trem dos subúrbios", 21.12.1921, "As glórias do Brasil", 07.01.1922, todos incluídos em **Feiras e Mafuás**; "O foot-ball", **Careta**, 24.06.1922, encontrado em **Marginália**.

Por estes textos, colhidos quase ao léu na obra jornalística do escritor, pode-se, seguramente, a partir do tema do futebol, confirmar a linha de coerência que marcou o seu discurso, independente da intenção

jornalística ou ficcional, dentro do princípio a que ele próprio chamou **literatura militante**. O mesmo que o levava a desprezar o beletrismo parnasiano e elitista da 1a. República, cujo modelo mais completo, para ele, era o acadêmico maranhense Henrique Coelho Neto.

Este tricolor apaixonado, pai do atleta-símbolo do clube (João Coelho Neto, o Preguinho), que vai merecer permanente hostilidade de Lima Barreto, como quando deixou de ser indicado pelo seu estado natal, o Maranhão, à deputação federal:

"Não descubro razão para tanto barulho. O Senhor Coelho Neto, como literato-político, fez forfait (...) As cogitações políticas, religiosas, sociais, morais do século ficaram inteiramente estranhas (...) o Senhor Coelho Neto jamais se deteve em examinar esta trágica angústia de seu tempo". ("Literatura e Política, Coisas do Reino de Jambon).

Não escapará de crítica por comparecer à solenidade de inauguração da piscina do Fluminense. Coelho Neto, aliás, talvez possa ser considerado, na visão de Lima Barreto, o paradigma social, político, literário da elite da República, que ele encarou com ceticismo, a partir de lúcida visão política, e não por gratidão à monarquia, como tentaram fazer entender alguns, por ingenuidade ou má-fé:

"Uma rematada tolice que foi a tal república. No fundo o que se deu, foi a queda do partido liberal e a subida do partido conservador, sobretudo da parte mais retrógrada dele, os escravocratas de quatro costados" ("Tribunal Histórico Republicano", Coisas do Reino de Jambon).

Coelho Neto, aliás, talvez possa ser considerado, na visão de Lima Barreto, o paradigma social, político, literário da elite da República, que ele encarou com ceticismo, a partir de lúcida visão política, e não por gratidão à monarquia

Se Coelho Neto representa o elitismo literário da República, é quase certo que, para o mulato e suburbano que via a capoeira como esporte nacional e cuja ficção deslocou o foco temático para a margem social, a partir da qual empreender uma nova leitura da cidade e do país, o futebol vai representar a face elitista da República no esporte. A ele, evidentemente, não faltavam exemplos concretos de discriminação que alimentavam o seu texto-réplica à euforia épica com que se apresentavam os grandes jornais da época. É exatamente com os grandes jornais, como o **Correio da Manhã** e **O Jornal**, entre outros, que os artigos de Lima Barreto vão buscar um diálogo tenso, com as mesmas armas que sustentaram a sua ficção literária — a ironia, o sarcasmo, a paródia, como expressão de sua discordância e indignação — buscando provar corrosivamente o contrário do que buscava convencer a grande imprensa.

O objetivo que norteava a sua literatura militante reaparece em seu jornalismo combatente, em face do notório elitismo e do indistigável preconceito social e, sobretudo, racial, que marcavam a atividade clubística e futebolística.

O objetivo que norteava a sua literatura militante reaparece em seu jornalismo combatente, em face do notório elitismo e do indistigável preconceito social e, sobretudo, racial, que marcavam a atividade clubística e futebolística. Certamente a negação ao futebol é uma metonímia e, mais do que isso, uma alegoria do que ele comportava como significação implícita: a discriminação e o preconceito, não fosse Lima Barreto o escritor e jornalista que dedicou o melhor de seu talento à causa da justiça e da solidariedade (o que hoje provavelmente chamaríamos **cidadania**), optando pelo combate em demanda de reconhecimento, contra a posição cômoda de renunciar à luta, em favor de uma vida intelectual conformada.

Sua premissa básica, que vai marcar sua produção literária e sua atuação jornalística, fica explícita no

artigo "Literatura Militante" (**Impressões de Leitura**), em que afirma que "em vez de estarmos aí a cantar cavalheiros de fidalguia suspeita e damas de uma aristocracia de armazém por atacado, porque moram em Botafogo ou Laranjeiras, devemos mostrar nas nossas obras que um negro, um índio, um português ou um italiano se podem amar no interesse comum de todos nós". A tarefa do homem de letras seria alcançar, no rastro de Brunetière, a solidariedade humana através da virtude da forma.

Como enquadrar, assim, o futebol da época na proposta de justiça e solidariedade de Lima Barreto? Ainda que se registre a década de 20 como o momento de divulgação e "democratização" do futebol, Lima Barreto assinala em crônica de 01.10.1921, "Bendito football" (**Feiras e Mafuás**), que **O Correio da Manhã**, em seu "primeiro **suelto** de 17 de setembro", noticiara que o "Sacro Colégio do **Football** reuniu-se em sessão secreta, para decidir se podiam ser levados a Buenos Aires, campeões que tivessem, nas veias, algum bocado de sangue negro — homens de cor, enfim".

Sempre com a ironia que dá expressão à sua indignação, e a partir de uma associação com a atitude da Igreja, que, segundo ele, "fazia, fez ou faz uma indagação semelhante que tinha o nome, se a minha ignorância não me trai, de processo de **puritate sanguinis**", estabelece a diferença, para melhor ressaltar, ironicamente, o preconceito: "Isso, porém, ela fazia para os candidatos a seu sacerdócio, — coisa extraordinariamente diversa de um simples habilidoso que sabe, com mestria e brutalidade, servir-se dos pés, como normalmente os homens fazem com as mãos, para jogar bolas de cá para lá, da esquerda para a

Como enquadrar, assim, o futebol da época na proposta de justiça e solidariedade de Lima Barreto?

direita, de trás para frente e vice-versa. O sacerdote é um intermediário entre Deus e os homens; um futebolesco, o que é? Não sei”.

Continua a crônica dando conta de que, diante do impasse, teria apelado o “Sacro Colégio” ao Presidente da República, que “habitado a resolver questões mais difíceis como sejam a cor das calças com que os convidados devem comparecer às recepções de palácio; as regras de precedência, que convém sejam observadas nos cumprimentos a pessoas reais e principescas, não teve dúvida em solucionar a grave questão. Foi sua resolução de que gente tão ordinária e comprometedora não devia figurar nas exportáveis turmas de jogadores; lá fora, acrescentou, não se precisava saber que tínhamos no Brasil semelhante esterco humano”.

“O papel do football, repito, é causar dissensões no seio da nossa vida nacional. É a sua alta função social”.

Segue o artigo, lembrando o número de mestiços em cargos públicos e na política, “porém, fez Sua Excelência com ênfase, numa representação nacional, não é decente que tal gente figure. É verdade que o Senado, a Câmara são, mas... isso não vem ao caso”.

Afirma que “à providência, conquanto perspicazmente eugênica e científica, traz no seu bojo ofensa a uma fração muito importante, quase a metade, da população do Brasil; deve naturalmente causar desgosto, mágoa e revolta; mas — o que se há de fazer? O papel do football, repito, é causar dissensões no seio da nossa vida nacional. É a sua alta função social”.

A discriminação, tratada com indignação, expressa pela ironia, é contraposta a obrigação, que constituindo dever de todos não reverte em direito de todos:

“O que me admira, é que os impostos, de cujo produto se tiram as gordas subvenções com que são aquinhoadas as sociedades futebolescas e seus tesoureiros fiéis, não tragam também a tisona, o estigma de origem, pois uma grande parte deles é paga pela gente de cor. Os futeboleiros não deviam aceitar dinheiro que tivesse tão malsinada origem. Aceitam-no, entretanto, cheios de satisfação. Não foi à toa que Vespasiano disse a seu filho Tito que dinheiro não tem cheiro”.

Em face da discriminação e preconceito que marcam, então, a prática do futebol, propõe a retirada de verbas para socorro das populações rurais, dizimadas por “avarias endêmicas” e a destinação delas para o “football”, que ficaria, assim, “mais rico e mais branco”, ao mesmo tempo em que “... a gente de cor / .../ acabava desaparecendo pela ação da malária, da opilação e outras moléstias de nomes complicados que não sei pronunciar e muito menos escrever /.../. O governo, procedendo assim, seria lógico consigo mesmo. Lógico é querer conservar essa gente tão indecente e vexatória, dando-lhes médico e botica, para depois humilhá-la, como agora, em honra do **football** regenerador da raça brasileira, a começar pelos pés”.

Conclui o artigo, entre indignado e irônico, sugerindo uma medida radical:

“Os maiores déspotas e os mais cruéis selvagens martirizam, torturam as suas vítimas; mas as matam afinal. Matem logo os de cor; e viva o football, que tem dado tantos homens eminentes ao Brasil! Viva!”

“Os maiores déspotas e os mais cruéis selvagens martirizam, torturam as suas vítimas; mas as matam afinal. Matem logo os de cor; e viva o football”

O artigo traz, ainda, um PS, em que afirma o autor que a “nossa vingança” é que os argentinos “não distinguem, em nós, as cores; todos nós, para eles, somos **macaquitos**”.

A razão de nos estendermos no artigo “Bendito Football” é óbvia. No nosso ponto de vista, este é o que melhor sintetiza a posição de Lima Barreto em face do futebol e as causas de sua idiossincrasia. Todos os outros, de uma maneira ou de outra, redundam ou particularizam a essência de seu pensamento aí contida, um e outros incluindo-se num universo mais geral da reivindicação permanente do escritor: igualdade e solidariedade, com o reconhecimento de todas as raças e classes que constituem a sociedade brasileira, reconhecimento, que, em última instância, nada mais vem a ser que o respeito à cidadania, questão de natureza ética e política.

Uma das armas de Lima Barreto em seu combate retórico, ou seja, tentar persuadir o leitor dos males do futebol, é a argumentação baseada na natureza violenta, conflituosa e separatista do esporte. Para isso lança mão de notícias de brigas e conflitos entre equipes, torcidas, estados e até países, tentando reunir contra-exemplos das opiniões dos que defendem o esporte, como heróico, gregário e educativo.

Assim, em nota assinada na revista *Careta*, “O football”, inicia Lima Barreto dizendo que “não é possível deixar de falar no tal esporte que dizem ser bretão”.

Após considerar a prática do futebol um caso de polícia, diz que o Rio de Janeiro “é uma cidade civilizada e não pode estar entregue a certa malta de desordeiros que se querem intitular **sportmen**”.

Conclui dizendo que mais comportados seriam os apostadores de briga de galo, que não armam questões nem “rolos”, como os tais **foot-ballers**, com a polícia passando a mão pela cabeça deles.

Em outro artigo na *Careta*, de 01.01.1921, “Uma conferência esportiva”, exercita toda a sua verve de satirista e ironista. Imagina uma conferência no salão nobre da Liga Metropolitana de Trancos e Pontapés, proferida pelo consultor literário da liga, Doutor Francoso Hell Jacuencanga, sobre “A educação física, o football e as suas conquistas e progressos entre nós”. Parodiando a pretensa conferência, ou, pelo menos, o discurso dos que defendem o esporte, coloca no texto do conferencista a importância do futebol, que não estaria no emprego para serviços de que toda a sociedade precisa; ela está no seu platonismo, no seu desinteresse, em não se aplicar ou em dar sem proveito algum dia e noite pontapés num pelotão”.

Isso é posto em comparação com a atividade da massa trabalhadora:

“Vamos ao cais do porto. O serviço da estiva corre celeremente. Os estivadores, com passos apressados, correm sobre as pranchas, carregando pesados fardos. São homens de todas as raças e mestiços delas. Vede—lhes a musculatura. Como é perfeito! Os músculos de todas as partes de seus corpos, como que form calculados com paciente precisão, para funcionarem harmonicamente. Que beleza! Que perfeição! Mas para que servem? Para nada — podemos dizer; pois carregar fardos de alfaia, de algodão, sacos de café não é trabalho útil à

Diz que o Rio de Janeiro “é uma cidade civilizada e não pode estar entregue a certa malta de desordeiros que se querem intitular sportmen”.

sociedade. O mesmo havíamos de considerar, se observássemos os carroceiros, os catraieiros, os malhadores de fundição, os caldeireiros etc”.

O texto segue apresentando citação de notícias de outros jornais, dando conta de conflitos e agressões envolvendo jogadores de futebol e torcedores e até um conflito num jogo entre brasileiros e uruguaios. O que é importante assinalar, entretanto, é novamente a presença de uma idéia obsessiva de Lima Barreto: o futebol é uma prática que alimenta a dissensão. E mais do que isso, configura uma discriminação, agora estabelecida mais claramente na valorização do **otium** da elite, a atividade física como atividade do espírito **versus** a depreciação do trabalho físico, mesmo imprescindível, velha herança do escravismo.

Registram os especialistas que a década de 20 é marcada pelo interesse crescente pelo jogo, que começa a despertar as massas. Isso não passou despercebido a Lima Barreto, que o assinalou em vários textos, sempre lamentando, como é o caso da crônica “O trem dos subúrbios” (**Feiras e Mafuás**). Mas o processo de massificação do futebol não representa democratização. Basta que se observe o mal-estar que representou a inclusão de negros e mulatos em clubes de base popular, como o Vasco e o Corinthians.

Afinal de contas, se os praticantes eram sócios dos clubes, como negros e mulatos iriam conviver com o quadro social? A saída foi a profissionalização, que manteve cada um seu lugar. E até hoje certamente, a despeito da situação econômica favorável e até prestígio de alguns jogadores, pelo seu talento, na verdade quem explora o jogo, ainda é o “cartola”, nada íntimo da bola

de futebol. Isso para não falar da lei do passe, que faz do jogador, mercadoria, e acena para o resquício da escravidão.

Ainda que alguém possa acusar Lima Barreto de conservador, e ele às vezes o foi, sua idiosincrasia, no caso do futebol, é mais do que o registro de uma má-vontade. Certamente, em seu texto, subjazem narrativas que podem ajudar na reconstituição de um momento da República e de um universo que, passados mais de setenta anos, não teve ainda resolvidas algumas questões levantadas pelo escritor carioca.

O que é importante assinalar, entretanto, é novamente a presença de uma idéia obsessiva de Lima Barreto: o futebol é uma prática que alimenta a dissensão.